

LUÍS DE PINA

PROFESSOR DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

# FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA PEDIATRIA PORTUGUESA



LISBOA  
1953



*À Coleção  
Arquivo  
de estes tempos  
históricos, agradecimentos  
N.º 4  
14/17/13*

## FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA PEDIATRIA PORTUGUESA (\*)

por

LUÍS DE PINA

Professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Entre os muitos e tremendos paradoxos que os homens de todos os tempos e de todas as regiões da Terra têm manifestado exuberantemente por palavras e por actos um é o da sua atitude em frente da Criança, filha sua ou alheia.

De remotíssimas idades há notícia sobre a maneira como o *Homo sapiens* tratava as crianças. Não me permitiria o ousio traçar-vos a história da Pediatria e da Puericultura desde os tempos mais recuados, como é de uso declarar-se. Apenas alinharei algumas notas, que reputo mais curiosas, sem dúvida expressivas; e, antes delas, reduzidas considerações sobre o que me propusera tratar e agora ladeei para agradecer tanta estima e honra com que me distinguiu esta Sociedade, por gentileza do prezadíssimo convidante, meu velho condiscípulo e médico dos meus quatro filhos, Dr. Armando Tavares.

Aqui fica uma forma insuficiente e obscura de pagar tantos de seus gratos favores: eu sei que não exige recompensa; e também sei que esta que lhe dou hoje está muito aquém da sua sempre tão solícita atenção de amigo e de médico.

Seja como for, perdoareis que eu assim considere este modesto trabalho que estou a ler-vos, num intento que reparto com a ilustre

(\*) Conferência realizada na «Ordem dos Médicos», a convite da *Sociedade Portuguesa de Pediatria* (Secção do Porto), nesta cidade, em 23 de Janeiro de 1952.



INSTITUTO DE CIÊNCIAS VIVA  
HOMILÓ DE CARVALHO

RC  
MACT  
66  
PIN

Sociedade Portuguesa de Pediatria, em cujo seio tenho a honra de falar.

Dizia eu há pouco que o homem é paradoxal no seu trato com crianças: ora as acarinha extremadamente, ora as esquece e desampara com a maior das facilidades; ora analisa afincadamente os problemas que lhes dizem respeito, para seu bem; ora estuda fervorosamente outros problemas, que com elas se relacionam, para seu mal.

No intuito de construir um mundo novo — para elas, diz-se, que serão as gerações vindouras — fabricam guerras que aniquilam fisicamente milhares de crianças e danificam psiquicamente, para largos tempos ou para sempre, não pequeno número de outros milhares!

E, assim, o *Homo sapiens*, paradoxalmente, salva e mata, destrói e constrói, ergue e destroça a sua própria obra biológica, a Criança, fruto sagrado do amor e do imperioso desígnio de Deus, esmaltado no *Gênese*, por estas famosas palavras, fontes de vida:

— *Crescite et multiplicamini, et replete terram!* (I, 28).

O paradoxo provam-no os helenos de Esparta, quando, vai para 2 400 anos, eliminavam crudelissimamente as criancinhas débeis ou que nascessem com qualquer deformidade, de par que exaltavam, por processos físicos admiráveis, a cultura corpórea das que escapavam ao morticínio! O paradoxo provam-no os Fenícios, que pelo mesmo tempo ou muito antes, executavam sanguinárias hecatombes de crianças, a fim de apaziguarem deuses irados ou solicitarem-lhes favores excepcionais nos negócios da guerra.

O paradoxo provam-no os índios americanos pré-quinhestistas, maias, incas ou astecas que, antes de Colombo arribar ao Novo-Mundo e depois, deformavam progressivamente a tenra cabecita de seus filhos, em rito de distinção de estirpe; eram esses mesmos aborígenes, no entanto que, muito ao contrário dos gregos de Esparta, pretendiam salvar todas as crianças que nascessem débeis, colocando-as amorosamente em especiais urnas de barro ao pé da lareira, sobre um fofo e macio coxim de penas raras de raras aves, com que também as cobriam nessas primitivas, mas curiosas e expressivas incubadoras!

O paradoxo prova-o a mulher moderna europeia e branca — e em todo o tempo as houve, do género — recusando o sagrado leite de seus peitos aos filhos que gerou; enquanto que, entre as mulheres vermelhas Incas ou Maias das terras americanas de antes de Colombo era desprezível a que tal ousasse fazer, pois todos a abandonavam!

Paradoxo, entre estes povos, o célebre Museu de monstros vivos — crianças e adultos — que mantinha o imperador mexicano do século XVI, de nome *Montezuma*, como se pode verificar nas relações espanholas do tempo (1).

Muitas outras notícias se podem ler (algumas as colhi das crónicas dos espanhóis quinhentistas sobre as Índias de Castela) no curioso estudo de *Giuseppe Mazzini*, intitulado *Maternità e infanzia nel Perù precolombiano* (Módena, 1932) e em tantos outros trabalhos que tenho manuseado.

Ao recordar tais e tantos paradoxos, eu evoco a tragédia lúgubre e inconcebível das crianças engeitadas, não daquelas que os tectos amigos e misericordiosos de certas famílias e estabelecimentos de caridade cobriam e ajudavam humanamente a criar, desde o início do século XV — entre nós desde o XVI, mas daquelas que tantas *Rodas e Hospícios* entregavam à mercenária piedade e saber de amas rústicas. O que fosse tal massacre dos inocentes disse-no-lo um dia a egrégia pena, inesquecível e respeitabilíssima, do Prof. *Assis Vaz*, da nossa Escola Médico-Cirúrgica; o que fosse a viagem dos pobres anjinhos de fora do Porto a esta cidade, em grandes canastras e à cabeça bamboleante de duras carrejonas, dizem-no as crónicas, onde se lê que algumas eram já mortas quando chegavam ao termo da jornada fúnebre (2)!

Ao aludir a este distinto nome de tão notável portuense faço-o com a mais respeitosa admiração: e com a mais respeitosa censura lamento que o Porto lhe não tivesse ainda levantado monumento público, tantos e tão relevantes serviços ele prestou à Higiene e ao Progresso social deste burgo. Entre mais serviços, aquilatem-se afeiçoadamente aqueles que o colocam, sem dúvida, à cabeceira dos seus denodados e devotados pediatras, que em mais chegados dias ilustrou e dignificou o restaurador da Pediatria portuense, Professor *Dias de Almeida*, que desde 1895 começara no Porto o exercício da especialidade e em 1917 ocupou a Cadeira de Clínica Pediá-

---

(1) GOMARA — *Cronica General de las Indias*, 1535. In «Bibliotheca de Autores Españoles», Madrid, 1877.

(2) HERNANI MONTEIRO — *Um trecho da História da Assistência Maternal e Infantil no Porto*. «Portugal Médico», n.ºs 7, 8 e 9. Porto, 1933.

Neste valioso estudo encontra o leitor a mais importante bibliografia de assistência materno-infantil no Porto.

trica, por decreto de 25 de Maio do referido ano, ensino então instituído (1).

Não foi de balde que *Assis Vaz* e *Dias de Almeida* cabou-caram o já brilhante edifício da Pediatria portuense. Outros vieram e para a obra carregaram as pedras indispensáveis, seguras e formosas. E à frente de todos se aponta o digno sucessor de tais pioneiros, Prof. *Almeida Garrett*, cujo nome ostenta o Dispensário Infantil do Carregal, muito justamente. Aproveito o ensejo para o homenagear e pedir-lhe desculpa de tão obscuramente o fazer.

\*

\*      \*

Como no estrangeiro, a Pediatria em Portugal nasce no Século XIX (2), desde que a consideremos em ciência e arte especializadas. Não quer isto dizer que os médicos portugueses não tivessem dedicado às crianças especiais cuidados separando nos livros que publicavam a Medicina clínica referente à infância, em particular *lactantes* como lhe chamou o celeberrimo Dr. *Mirandela, Francisco da Fonseca Henriques*, que segue aquele método, no livro que aqui apresento em terceira edição de 1750, há, pois, 202 anos. A obra chama-se *Medicina Lusitana, Socorro Delphico, Aos clamores da natureza humana, para total profligação de seus males*; seu autor foi notabilíssimo prático da vila de Mirandela (de onde a alcunha referida) e médico de el-rei D. João V.

Este conhecido clínico setecentista, que devemos considerar um dos pioneiros da Pediatria nacional — no que tem sido esquecido, como tantas outras pessoas — não deixou de prender-se a certa tra-

---

(1) HERNANI MONTEIRO — *História do ensino médico no Porto*. Suplemento coordenado por... Porto, 1925.

(2) Bem diz Aldo Mieli, em crítica a um trabalho histórico de Pediatria do Dr. Sófoeles Guinopulo, adiante citado: «La pediatria, come disciplina speciale, data dai tempi moderni, ma, naturalmente, l'attenzione dei medici per un retto allevamento dei bambini e per la loro cura nelle molteplici e frequenti malattie che li colpiscono, non è mai venuta meno. Agevole perciò è il ritrovare negli seritte medici dell'antichità classica parti che considerano temi chi oggi appartengono alla pediatria o rilevare anche capitoli o brani che possono senz'altro dirsi ora pediatrici». «Archeion», XII, 1. Paris, 1930.

dição supersticiosa do seu tempo, aliás afirmada e registada nas melhores obras estrangeiras.

A este propósito é dever esclarecer-se — e faç-o com muita sinceridade e confiadamente — que, sem alhear algumas culpas aos nossos médicos, essas se devem atribuir a tratados de fora de fronteiras, onde contemporaneamente aos censurados se arrolavam as mais estranhas abusões e os mais ridículos usos terapêuticos. Era a obediência à já bem velha autoridade da sabedoria de estrangeiros, moda de todos os tempos a que poderíamos chamar *xenosofia* — se me perdoais o novo vocábulo!

O Dr. *Mirandela*, como disse, não escapou ao *mal xenosofico* e os seus livros reflectem-no claramente. Todavia, cabe-lhe também a culpa de ter-se apoiado confiada e inocentemente em livros médicos já demasiado remotos, tais os de certos gregos, romanos e árabes; sobretudo, a argumentação com textos medievais, como o *Regimen sanitatis*, de *Salerno*, ou alguns de *Arnaldo de Vilanova* (século XIII-XIV), diminuem à sua obra muito do real valor que possui. Isto no capítulo terapêutico, pois é aí onde a dúvida, o anseio e a esperança de todos os tempos resolviam os problemas com os mais abstruzos *recipes*, como veremos. Contudo, as observações do Dr. *Mirandela*, como de outros portugueses do tempo, são excepcionalmente valiosas, em aplicação rigorosa do puro método hipocrático, sempre velho e sempre novo.

São, por vezes, modelos de sagacidade propedêutica ou semiológica.

*Francisco da Fonseca Henriques* nascera — como se disse — em *Mirandela*, a 6 de Outubro de 1665. Morreu em Lisboa, onde se fixara para exercer sua notável clínica, aos 17 de Abril de 1731. Diplomara-se em Coimbra, talvez com 19 anos, em 1684.

Autor de valiosas obras médicas, foi curioso e excelente sifilígrafo. Assim se revela nos comentários ao celebrado livro de *Duarte de Madeira Arrais*, que se chamou *Madeyra Illustrado. Methodo de conhecer, e Curar o Morbo Gallico*, obra de 1715 (Lisboa).

*Madeira Arrais* foi médico de D. João IV e escreveu o tal *Methodo de conhecer e curar o morbo gallico*, cujas edições de 1642 e 1638 possui a Biblioteca da nossa Faculdade de Medicina do Porto <sup>(1)</sup>. Também aqui existe a sua obra *Novae philosophiae, et medicinae de qualitatibus occultis*, etc. (Lisboa, 1650, 2 vols).

---

(1) Vd. o *Catálogo* da mesma, de 1910, elaborado pelo saudoso Prof. J. A. Pires de Lima.

Quer *Arrais*, quer o seu comentador Dr. *Mirandela*, versam o discutido ponto da sífilis hereditária, tão importante em Pediatria. Disse um dia *Maximiano Lemos* que *Fonseca Henriques* se antecipara a *Verneuil* considerando que os “traumatismos podem determinar manifestações actuais da sífilis em potência.” (1).

Quanto a tratamento, o mercúrio era empregado a jorros, digamos assim!

O Dr. *Mirandela*, além de um tratado sobre os humores do corpo humano, anexo ao *Socorro delphico*, muito curioso, deixou-nos o célebre livro *Âncora Medicinal*, de que há edições na Biblioteca citada, de 1721, 1731 e 1749, livro cujo título deixa entrever o texto respectivo. Valiosíssimo é o seu *Aquilégio Medicinal*, verdadeiro tratado de Hidrologia médica, com repositório de todas as águas minero-medicinais portuguezas, então usadas.

Colecção de observações é o seu *Apiarium medico-chymicum*, de 1711; outro livro, *Pleuricologia*, versa a pleurisia e data de 1701; mais o *Socorro Delphico*, que já citei, são repositório curioso de doutrinas e observações sobre toda a Medicina, em que se baseia — como bem disse *Maximiano Lemos* — nas teorias da iatroquímica dos audaciosos e decisivos inovadores do século XVII, *Van-Helmont* à frente; e com esse denodado inglês *Tomás Willis*, que morrera em 1675, nas trincheiras da vanguarda. Insigne fermentista, da escola iatroquímica de *Van-Helmont*, considerava o médico como um cervejeiro ou vinicultor que pelas fermentações poderia corrigir irregularidades fisiológicas.

Foi também *Willis* Professor de Filosofia em Oxónia, descritor do polígono arterial que tem o seu nome, revelador da *paracusia* ou *hiperacusia*, a que este anda também ligado, e da presença do açúcar na urina dos diabéticos. Os seus estudos do cérebro — dos primeiros e melhores que existem, referem *Guthrie* e *Garrisson* — podem ler-se no volume que publicou em 1644, com o título de *Cerebri Anatome*, onde se faz a clássica ordenação dos nervos cranianos.

Foi *Willis* um dos que idearam a medicação intravenosa e também o descritor da *miastenia grave* (síndrome de *Erbgoldflam*); o que primeiro anunciou a febre tifóide entre os soldados das guerras inglesas de 1643; deu o nome à *febre puerperal* e explanou com rigor certas enfermidades nervosas, o histerismo, a demência paralítica, etc.

---

(1) MAXIMIANO LEMOS — *História da Medicina em Portugal. Doutrinas e Instituições*. Lisboa, 1899, vol. I.



Foram as doutrinas deste grande fisiólogo e clínico inglês que influenciaram o nosso *Fonseca Henriques*, quanto ao fermentismo, de que se fizera expositor e propugnador, de par com as lições químicas do criador da *Química Fisiológica*, o holandês *Francisco Silvio*, contemporâneo de *Willis*, seu discípulo, como *De Graaf* e outros. Lembro que a sua pequena enfermaria de Leida, com 12 camas apenas, foi a primeira em que se fez ensino clínico.

O Dr. *Mirandela*, como clássico da língua, brilha entre outras figuras do tempo e posteriores, de *Curvo Semedo* a *Ricardo Jorge*.

A sua obra *Socorro Dêlfico* subintitula-se com esta informação: *Na primeira parte se trata da Vida do Homem antes de Nascer. Na segunda da Arte de criar e curar meninos, desde que nascem até serem adultos, e do Methodo Racional, etc...*

A leitura desta explicação do livro de *Fonseca Henriques* parece que bem nos outorga o direito de considerá-lo um dos pioneiros da Pediatria em Portugal. Por isso entendi que o Dr. *Mirandela* devia ser lembrado aqui hoje, nesta sessão de abertura dos trabalhos de um novo ano da Sociedade Portuguesa de Pediatria, ano que auguro venturoso e brilhante.

Inexplicavelmente, não o citam como precursor da Pediatria *Maximiano Lemos*, *Silva Carvalho* ou *Ferreira de Mira*. Aqui fica hoje o meu público testemunho de admiração e justiça.

Não posso, na verdade, argumentar com todos os textos do livro do Dr. *Mirandela*, pois são muitos. Basta dizer que da quase totalidade das doenças que versa guarda sempre um capitulozinho para os meninos, com a designação: *cura nos lactantes* <sup>(1)</sup>.

Vou ler-vos uns passos que claramente justificam o meu conceito, embora parte das receitas sejam inaceitáveis pelo seu desacerto ou repugnantes pela sua imundície, no que acompanhava bons médicos do tempo:

#### *Cura nos lactantes*

(págs. 152-153)

*(Sono morbosos e profundo): — Quando os lactantes fadecerem este mal, ou estiverem mui soporosos, a primeira diligencia em q̄ se deve pôr grande cuidado, he em que as amas que os*

---

(1) Também Zacuto Lusitano (séc. XVII), entre mais autores portugueses, regista nas suas obras muitas observações pediátricas.

*criarem não bebão vinho, nem rosasolis, agoa ardente, cerveja, chocolate, e outras cousas muito espirituosas, porque com elas se gerará o leite tão espirituoso, que offenda o cérebro com a sua qualidade, ou espírito inebriante, com que pode dementar os meninos, como Sennerto, 11 e já dos cabritos lactantes entendeo Lucrecio, 12, que com mero, e puro leite, chegavão a dementar-se. . .*

*. . . não tendo os meninos febre, tomarão as amas duas vezes no dia huma chicara de tintura de chá, ou de caffè, de que se darão algumas colheres aos meninos; porque tem grande virtude para impedir o somno.*

*. . . quando com estes remedios não despertem do sono, he preciso sarjallos nas espadoas, e nuca, ou usar de sanguexugas detrás das orelhas, e nas fontes da cabeça; porque no sumo perigo em que estão estes meninos, ainda que seja em tão tenra idade, he necessario chegar aos remedios extremos. . .*

### Alporcas

(pág. 317)

*Para curar as alporcas destes meninos, lhe daremos mais de quarenta dias cõtinuos, de manhã, hum escropulo de pós de raiz de gilbardeira, em humas colheres de agoa cosida com raiz da erva escrophularia, ou de ortigas mortas. E aquelles que não puderem tomar os pós, dar-se-lhe-hão muitas vezes no dia algumas colheres de agoa bem cosida com raiz de gilberdeira e de ortigas. . .*

*. . . mais de trinta ou quarenta dias hum escropulo de pós de testículo de porco montes, que não chegue a hum anno; ou de pós de sangue de bode, ou de pós de craneo humano, que não seja enterrado. . .*

*. . . Sobre as alporcas. . . folhas de erva dos pepinos de S. Gregorio. . . ou esterco de vaca cozido em vinagre. . .*

*Ao pescoço trarão dependurada hũa raiz de verbena, erva à que chamamos urgebão. . .*

*. . . o mesmo se diz da mão de hum defunto, esfregando as alporcas com ela. . . (1).*

---

(1) Esta receita é de Tomás Bartholino (1618-1680), dinamarquês, que descreveu pela primeira vez, completamente, o sistema linfático. Vd. Castiglioni, *Historia de la Medicina*, Madrid, 1941, pg. 504.

...os meninos que tiverem cabelo, he conveniente não os pentear, e deixar-lhe criar piolhos. porque pelas pustulas, que estes fazem, se evacuaõ as serosidades da cabeça, e se curãõ as alporcas...

### Diarreia

(pág. 434)

...ajudas (clisteres) de leite de vacca com huma gẽma, e clara de ovo, e com açucar;...

...ou se lancem de caldo de frangão cosido com cevada, e rozas, ou açucar rozado, temperando cada ajuda com huma clara, e gẽma de ovo, e com açucar...

...ajudas de cosimento de cevada, farellos trigos, e rozas vermelhas, temperando cada ajuda com mel rozado, e açucar... „

Entre mais remédios aponta purgas, vomitórios, amendoadas de pevide de melão, pós de coral vermelho e de cristal, lambedor de marmelos, esperma de baleia com múmia, etc., ou mudança de ama.

O óleo de ratos nos ouvidos, diz *Henriques* por boca de *Pedro Forest*, é ótimo na surdez (pág. 229). E o excremento de burro, seco, tomado em forma de rapé, era excelente nas hemorragias nasais. Diz ele assim, referentemente ao grande médico portuguez, criador da Ginecologia em Portugal e também pioneiro pediatra, no século XVI, *Rodrigo de Castro*: — “é remédio de tão superior efficácia,, o excremento de burro “que seu tio Manuel Vaz, que foi médico da Câmara de quatro reis de Portugal, padecendo repetidos fluxos de sangue pelos narizes, não achou remédio mais presentâneo, que este, o qual trazia sempre consigo em caixa como tabaco,, (pág. 247).

E apegase, nisto, também, ao grande portuguez *Amato Lusitano*. Isso nos faz rir, a nós que sabemos que tantos dos remédios da chamada *estercoterapia* são hoje dados aos doentes sob forma mais quimicamente limpa e com outros nomes. Não há muito li, em pagelas de sérios reclames médicos, curiosa indicação de fezes humanas, tratadas de modo especial, para determinada enfermidade!

De resto, o confiado Dr. *Mirandela* abonava-se no receituário com as lições dos estrangeiros categorizados. Recordo que o primeiro livro inglês de Pediatria, de *Thomas Phaer* ou *Phayre*, de 1545 ou 1546, segundo *Garrison*, *The book of Children*, indicava, para melhor sairem os dentes das gengivas, cérebro de lebre misturado à gordura de capão e mel, com que aquélas se esfregavam. Pó de

sementes de pionia com mel era remédio aí apontado para os terrores nocturnos das crianças!

Encontram-se na obra de *Fonseca Henriques*, entre mais drogas pediátricas para diversos males, o crânio humano, miolos de porco, óleo ou cinza de escaravelhos, pele de leão, cabeças de sardinhas salgadas e rançosas com queijo de um ano, fel de touro ou vaca, leite de burra, óleo de lacraus, urina fresca de menino de dez anos, etc.

O Povo ainda lê por esta Farmacopeia, no que lhe não cabe toda a culpa. O que os médicos lhe ensinaram (e ele aos médicos) seria assunto para larga dissertação e investigação. Mas não assaquemos ao Povo culpas que lhe não cabem e não esqueçamos a influência da Medicina clássica — como a de *Fonseca Henriques* — naquela que hoje é mera curiosidade do Folclore médico ou Medicina popular!

Ao estudar, recentemente, a obra de *Pedro Hispano, Thesaurus pauperum*, livro de receituário da gente pobre, pude examinar esta questão e indicar provavelmente alguns aspectos dessa etnografia médica actual. (1)

Como se disse, *Fonseca Henriques* trata, no seu livro, de vários assuntos médicos. A 1.ª parte explana a *Vida do Homem antes de nascer, Da concepção e formação do feto, a Nutrição e mais operações do feto até sua natural exclusão, Da exclusão do feto*; a parte 2.ª trata da *Arte de criar, e curar os meninos*, onde explica a *Educação dos Meninos*; e dos *Males da Infância e puerilidade*, etc.

Nesta parte figuram a tinha, hidrocefalia, sonos mórbidos, epilepsia, convulsões, dentição e seus accidentes, farfalho, garrotilho, corpos estranhos na garganta, ouvidos, etc.; sufocação; catarros; diarreia; tosse e asma; fastio; inflamação do umbigo; lombrigas; icterícia; hidropisia; incontinência de urina; bexigas e *sarampos*, etc., etc.

Creio que é curioso referir a indicação especial que o Dr. *Mirandela* nos dá, em capítulo próprio, sobre as indicações terapêuticas do chocolate, do chá e do café, tema que um dia — se Deus me der

---

(1) LUÍS DE PINA — *Pedro Hispano e Arnaldo de Vila Nova na educação médica popular hispânica*. «Anais» da Academia Portuguesa da História, 2.ª série, vol. 3, Lisboa, 1951.

*De Prisca Medicina — Raízes da sabedoria popular médica* «Imprensa Médica», n.ºs 2 e 3, Lisboa, 1953.

vida e saúde, espero tratar com largueza, escrevendo a sua história famosa, em que Espanhóis e Portugueses têm particular interferência.

O que *Fonseca Henriques* diz de bem e de mal das três drogas é digno de emparelhar com tantos pareceres que pelo mundo fora se escreveram — e escrevem — a respeito dos seus malefícios ou benefícios. Mormente sobre o café, desde o século XVII. Creio que os panegiristas e iconoclastas da aromática bebida ainda hoje se não entendem. E passo adiante sem esquecer, na história ibérica ultramarina, essa outra notável planta, o tabaco, que se chamava antigamente *erva-santa*. Erva santa! Que o digam os fumadores...

Eis em rápido conspecto e revista o que é ou de que trata o livro de *Fonseca Henriques*, cuja personalidade entendi dever apresentar esta noite, evocando uma das notas que mais desejava salientar.

\*

\*      \*

E antes e depois de *Fonseca Henriques*, no campo de protecção médica da Infância, da Medicina Infantil?

Como disse, não me proponho fazer aqui a História da Pediatria, fora e dentro do País, mas, apenas, coligir algumas notícias que para ela contribuam.

Tal como contei ao princípio, em Diana, na China — século XVI — era infâmia as mães não alimentarem seus filhos aos próprios peitos. E se não podiam criá-los, por razões especiais, obrigavam-nas a tirar certificados dessa impossibilidade, para a todo o tempo justificarem a involuntária infâmia. Isto há quase quatrocentos anos, nos confins da Ásia... (1)

Todavia, aí, como no Japão, era espantoso e número de infanticídios, como vos contarei dentro em pouco, ao abrir a biografia de uma das mais notáveis e inesquecíveis figuras da Medicina Portuguesa, o cirurgião *Luís de Almeida*, Padre Jesuíta que no Japão escreveu, mesmo antes de *Garcia de Orta*, na Índia, um dos mais celebrados feitos da História Médica Nacional.

---

(1) Já Fernão Guerreiro, na sua *Relaçam Annual das Covsas Que Fizeram os Padres da Companhia de Jesus na India*, etc., Evora e Lisboa, 1603, pg. 174, dizia que era grande «o perigo de parto, do qual em Japão morrê muytas molheres...».

Alinhemos, porém, mais algumas notas históricas estrangeiras. Cita-se o livro sobre doenças de crianças de Giacomo Tronconi, de 1593, de Florença, como primeiro tratado de Puericultura, dedicado à Grã Duquesa de Toscana, Cristina de Lorena, *De custodienda puerorum sanitate ante partum in partu ac post partum*<sup>(1)</sup>. Porém, data de muito antes o *Regiment der jungen kinder*, de Bartolomeu Metlinger (de Augusta, 1473), considerado por Garrison a primeira contribuição do Renascimento à Pediatria. Mas já antes um ano, em 1472, se publicara em Pádua o livro de Paolo Bagellardi, de Flumina, *De Aegritudinus infantum* ou *De regimini infantiae*. O eminente historiador medievalista médico Prof. Carlos Sudhoff, já falecido — que o reimprimiu em 1909, in “Janus,” — aponta um outro, encontrado na Biblioteca da Universidade de Lísia e no Museu Hunteriano de Glásgoa, escrito por Cornelius Roelants, de Mechlin (Lovaina), de 1483-1484<sup>(2)</sup>.

Outras obras do século XVI e da especialidade, em grande número se poderiam aqui arrolar<sup>(3)</sup>; basta, porém, que lembremos a já citada de Bartolomeu Meltinger, *Ein Regiment der gesuntheit, für die jungen Kinder* (edição de 1550, da qual extraio a curiosa figura que ilustra este trabalho)<sup>(4)</sup>; de Sebastião Austrus, o *De Puerorum Morbis et Symptomatis tum diagnoscendis, tum Curandis liber, ex Graecorum, Latinorum et Arabum placistis excerptus*, Lião, 1549 (contém o texto de Cornélio Roelans, publicada por 1484, em Lovaina), etc.

De 1528 (Augsburgo) é o livro de Roesslin, *Der schavangen Frauen u. Hebammer Rosengarten*, que em parte é trasladado no mais velho tratado de Pediatria polaco de 1534, como informa José

---

(1) Vd. Carlo Francione — *Di un antico trattato di puericultura* «Rivista di Storia delle Scienze», 1923.

(2) FIELDING GARRISON — *História de la Medicina*, Madrid, 1921, pg. 100.

(3) A palavra «Puericultura» teria sido criada em 1865. Leiam-se, em especial as obras de George Still, *The history of paediatrics. The progress of the study of diseases of children*, Oxford, 1931; John Ruhräh, *Pediatrics of the past. An anthology*, Nova Iorque, 1925; Barraud, *La puericulture éternelle*, Paris, 1941; János Bökay, *Die Geschichte der Kinderheilkunde*, Berlim, 1922; Sophokles Ghinopoulos, *Pädiatric in Hellas und Rom*, Iena, 1930, etc., onde se encontra vasta bibliografia pediátrica.

(4) Extr. de *Alte Medizin und Naturwissenschaften*, etc. Antiquariats catalog. n.º 682, da casa Gustav Fock, Lísia, 1923.

*Fritz, History of pediatrics in Poland* (1931). *De Aegretudinibus infantium tractatus*, de Leonello Faentino dei Vittori (de que conheço uma edição de 1548), foi livro muito estimado. E lembro o *Liber de affectionibus puerorum*, de Francisco Peres Cascales (1641, Madrid); os *Tres discursos para probar que están obligados à criar sus hijos...*, de Juan de Godoy (1629); o *De morbis puerorum*, de Luís Mercado, do século XVI; etc.

Em certos textos que versam diferentes assuntos, lêem-se, por vezes, curiosas indicações pediátricas, como no de *Joubert* (1521--1583), chamado *Erreurs populaires au fait de la médecine et régime de santé* (1578, Bordéus), e no muito conhecido *Regimento de Saúde de Salerno* ou *Regimen sanitatis salernitanus* (século XII?), de que *Renzi* nos dá uma valiosa transcrição<sup>(1)</sup>; nesta obra, também chamada *Flos Medicinae Scholae Salerni*, há notícias diversas sobre fisiologia das crianças, geração, nascimento, higiene, etc.

Alguns versos deste curioso poema tratam *De similitudine natorum cum parentibus* (pág. 52), *Aetates hominum* (id.), *Generatio hominum* (pág. 51), *De genitura hominis* (id.), *Signa conceptionis* (pág. 65), *Morbi haereditarii* (pág. 71), etc. Também Cévola de Santa Marta escreveu um curioso poema chamado *Paedotrophia, seu de puerorum nutritione*, de 1584<sup>(2)</sup>.

De longe vinham indicações sobre Fisiologia e Patologia infantis. Sabe-se que Hipócrates (século V-IV, a. C.) escrevera o *De natura pueri*, o *De sterilitate*; *De superfetatione*; *De septimestri partu*; *De embryonis in utero excisione*; *De dentitione*; etc., além de inúmeras passagens pediátricas em outras de suas obras, como nos *Aforismos*. Eis um exemplo:

*In aetatibus autem talia eveniunt. Parvius quidem, & recem natis Pueris, Aphtae, Vomitus, Tusses, Vigiliae, Pavores, Umbilici Inflammationes, Aurium humiditates*<sup>(3)</sup>.

(1) S. RENZI — *Collectio salernitane*. 5.º vol., 1859.

(2) Ch. Cumston — *Le nourrisson au XVI<sup>e</sup> siècle: Scévole de Sainte Marthe*. «Aesculape», 1923.

(3) Vd. tradução em *Hippocrates Lusitano* ou *Aforismos de Hippocrates* (Lisboa, 1762), por Daniel Nogueira: «Nas idades sucedem mais frequentemente as seguintes doenças: As crianças recém-nascidas padecem na bocca daquelas chaguinhas, a que se chama Aphtas, Vomito, toces, faltas de Sono, Sustos, inflamações do Embigo e humidade nos Ouvidos...» (pg. 72).

E: "Ad dentitionem verò accedentibus, Gingivarum pruritus, Febres, Convulsiones, Alvi profluvia, & maximè ubi caninos destes prodeunt, & iis, qui inter pueros sunt crassissimi, & qui alvoshabent.",<sup>(1)</sup>

A este propósito lembro, de *Obele*, a *Disputatio de morbis puerorum juxta Hippocratem*, de 1618.

Na Idade-Média os Árabes também se dedicaram às doenças das crianças, como é natural. *Bouchut*, por exemplo, indica o insigne Rasis (Raze ou Razi, Abû Bakr Muhammad ben Zakariya al-Râzi), que viveu de 865 a 915, como autor do primeiro tratado de Pediatria<sup>(2)</sup>; descreveu a varíola e o sarampo, entre mais.

De muitas obras que se poderiam aqui arrolar, saliento a de *Juan Huarte*, *Examen de ingenios para las ciencias* (1575), em que se revela curioso pioneiro da orientação profissional. Do século XVI é um outro livro, *De nati complexione*, de *Baltazar de Mendoza*, de carácter astrológico (constituição dos recém-nascidos) etc.,<sup>(3)</sup>. Neste campo das influências astrais sobre a concepção, o embrião humano, o nascimento, etc., é indispensável ler-se o que compendiou o ilustre Professor de História da Universidade de Columbia, *Lynn Thorndike*, na sua volumosa e notabilíssima obra<sup>(4)</sup>.

Não posso, certamente, explanar o que Gregos e Romanos fizeram no ponto de vista da Puericultura e, depois, o Cristianismo, na sua admirável obra de protecção à Mãe e à Criança. O enfeitamento ou exposição desta originou especial protecção dos Reis, dos Municípios, das obras de caridade, das Ordens religiosas. Por 1160 appareceu em França uma instituição piedosa (Mompilher) que se dedicou à assistência aos Enfeitados<sup>(5)</sup>.

---

(1) Aqui traduziu o nosso Daniel Nogueira (ob cit., pg. 73): «Quando principião a sahir os doentes aos meninos, tem comixão nas Gengivas, Febres, Convulsoens, Fluxos de entre, e principalmente quando sahem naquelles meninos, que são muito gordos, e dureiros de ventre».

(2) «Il a publié un livre sur les *maladies des enfants*, le premier de ce genre qui ait paru dans l'antiquité». *Histoire de la Médecine et des Doctrines médicales*, Paris, 1864, pg. 246.

(3) Merece atenção a trabalho de Lima Carneiro, *As crianças. Doenças e superstições*. Actas do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Porto, 1944.

(4) *A History of Magic and Experimental Science*. 1923 a 1941, 6 volumes.

(5) As *Rodas de Enfeitados* aparecem em Portugal ao terminar o século XVI. Leiam-se em trabalhos variados de Fernando Correia copio-



Em Portugal a Rainha Santa Isabel, entre outras obras, fundou o recolhimento ou dispensário de Santa Maria dos Inocentes, assistência a que S. Vicente de Paulo, em França, há-de dar especial atenção no século xvii. Em Coimbra, a mesma soberana fundara, no termo do primeiro quartel do século xiv, a real Casa dos Expostos. No nosso país a empresa de Pina Manique não pode ser esquecida.

Lembremos, no meio de tantas obras sobre educação de crianças e problemas com estas relacionados, o conhecido poema *Calipedia*, destinado a ensinar como se podiam gerar belos filhos (século xvii). É de notar que *Calipedia* significa, por si, um conjunto de conselhos dispensados aos pais para que procriem belos filhos (*καλλος*, beleza e *παις*, *παιδιός*, filho, criança).

Data de 1583 *Jerónimo Mercuriali* com sua obra sobre enfermidades das crianças, das mais antigas que se conhecem (*De morbis puerorum*); muito posterior, de 1689, é o *De morbis acutis infantum*, de *Walter Harris* (Londres). O já citado livro de *Phayre*, inglês, dá-o *Garrison* como parte do *The Regimen of Life*, que é versão do *Regimen sanitatis* de Salerno. E este, que é medieval, dá alguns ensinamentos sobre higiene infantil, como outras obras da Escola de onde saiu, aí pelo século xii. Não esquecemos, entre mais, que *Sorano de Éfeso*, do século ii da E. C. e, portanto, contemporâneo de *Galeno*, é nossa principal autoridade em Ginecologia, Obstetria e Pediatria da antiguidade (1).

Ao falarmos deste metodista grego da escola dos Asclepiadas imediatamente nos lembramos do português já referido, *Rodrigo de Castro*, insigne deontólogo, com o seu tratado *Medicus politicus*, de 1614 e o seu *De universa mulierum medicina*, de 1603-1604, com que criou a Ginecologia em Portugal; é, sem dúvida, um dos precursores da Pediatria, que o insigne Prof. *Pedro Dias*, da nossa Escola Médico-Cirúrgica, tão excelentemente biografou.

*Rodrigo de Castro*, pai de *Bento de Castro*, médico da rainha Cristina da Suécia e de *Daniel de Castro*, médico do rei da

---

sas notícias acerca da Assistência Infantil em Portugal. (*A Idade de ouro da Assistência Cristã*, in «Acção Médica XI. Lisboa, 1939; *Hospitais pré-quinzentistas portugueses*. «Imprensa Médica», 23-24, IX, Lisboa, 1943; *A Medicina e a Higiene escolar em Portugal*. «Medicina Contemporânea», Lisboa, 1934, etc).

(1) DOUGLAS GUTHRIE — *Historia de la Medicina*, Buenos Aires, 1947, pg. 33.

Dinamarca, nasceu em 1546 e morreu, na Alemanha, em 1628. Formado por Salamanca, exilou-se de Portugal por motivos religiosos. Foi um notável médico e um homem de bem. O seu livro sobre doenças das mulheres encerra valiosas informações sobre Medicina infantil, mórmente da puerícia, dedicando especial interesse à amamentação, aleitamento mercenário, etc. A propósito de amas, diz *Rodrigo de Castro* que não é verdade serem melhores as amas mulatas e negras: apenas lhes conhece uma qualidade, qual era a de cantarem bem! O mais que poderia noticiar sobre este paidólogo e toxicólogo se guardará para um dia.

Relembrando, ainda, os remotos cuidados pediátricos dos Egípcios, parece que a estes se deve — pode dizer-se isto, por enquanto — o mais antigo livro ou tratado de Pediatria que se conhece: nada menos do que um dos chamados papiros de Berlim, de cerca de 1450 anos a. C., de onde constam rezas e esconjuros relativas à protecção de mães e filhos e para o tratamento das enfermidades da infância<sup>(1)</sup>. Eis o primeiro texto de Pediatria que existe no Mundo, com a idade de quase 3.500 anos!

Quão longe estavam daí os excelentes organizadores da especialidade no século XIX, como *Bednar*, *Baginsky*, *Finkelstein*, *Henoch*, *Pfaundler* e *Scholssmann*; e como na América o grande *Jacobi*, Nestor dos Pediatras, como lhe chamou *Fielding Garrison*, e que foi autor de notável monografia sobre Pediatria americana, onde brilharam, então, um *Rotch*, um *Keating* e *La Fetra*, *Abt* e *Chapin*, *Olter* e tantos outros.

Antes, em Portugal, uma ou outra curiosa achega trouxeram médicos e não médicos à especialidade que se esboçava. Recordo, entre mais, o curioso investigador *Manuel Henriques de Paiva*, com o seu livro *Aviso ao Povo ou sumário dos preceitos mais importantes à criação das crianças e às diferentes profissões e ofícios*, etc., de 1788 (Lisboa).

Não menos digno de admiração o texto do higienista *Francisco de Melo Franco*, *Tratado da educação física das crianças para uso da Nação Portuguesa*, de 1790; e evoque-se, de *Martinho de Pina e Proença* o livro *Apontamentos para a educação de um menino nobre* (1734, Lisboa). *José Freitas Soares* deixou-nos uma

---

(1) DOUGLAS GUTHRIE — *Historia de la Medicina*, Buenos Aires, 1947, PG. 33.

*Memória sobre a preferência do leite das vacas ao leite das cabras para o sustento das crianças, etc.*; e *Luis Barbosa o Projecto d'um Hospício para a criação dos Expostos em cada cabeça de comarca*, de 1817. Como este, tantos mais estudos e trabalhos sobre crianças enjeitadas! (1)

De 1826 data o trabalho de *Clemente Bizarro* sobre *A consciência duma criança*, que não pude ainda ler, sobre tema de Psicologia infantil.

De 1822 há uma memória filosófica acerca da *Megalantropogenesia ou arte de aperfeiçoar a espécie humana*, de *Jerónimo Melo*, pioneiro do Eugenismo moderno. Também em 1873 e 1874 o Prof. *Augusto Simões*, de Coimbra, publicava sobre o mesmo assunto dois livros dedicados à *Educação Física*, onde arrola os seus principais antecessores, de que já citei alguns. Entre estes, também o de *Francisco José de Almeida* sobre a mesma Educação Física.

O Prof. *Simões* dá-nos excelentes e fartos ensinamentos quanto ao problema infantil do seu tempo, em Portugal. Dele se colhe a notícia de ter havido em França 16.340 enjeitados ou expostos e em Portugal 16.294, isto é, apenas menos 46 indivíduos! E conta também o lúgubre caso da mulher de Coimbra, do século XVIII, que estrangulou e enterrara 34 crianças que ia buscar à Roda, para criar! (2) São curiosas as suas anotações acerca da instrução intelectual das crianças mediante o ensino oficial.

Um modesto historiador coimbrão da Medicina, que se assinava *A. J. d'Oliveira* e que começou a escrever as suas obrinhas contemporaneamente a *Maximiano Lemos*, diz em uma delas, de 1885 (3):

—“A especialidade das doenças de crianças competiu no nosso país ao Dr. *Simas* (*João José de Simas*).”

E a seguir a este cita *Casado Geraldès*, que publicou em Paris as *Leçons sur les maladies des enfants*.

(1) É digno de leitura o trabalho de G. Variot, *La doctrine de J. J. Rousseau en puériculture et les opinions des médecins de son temps*. «Bulletin de la Soc. Franç. de l'Histoire de la Médecine, 1926».

(2) Lá fora, como cá dentro, apontam-se tristes sucessos idênticos. Cfr. *Garrison, Hist. de la Med.*, 431.

(3) *Homens e Livros da Medicina Portuguesa (Indicações e Notas)*. Coimbra.

*Simas* fora médico do Hospício dos Expostos de Lisboa, por meados do século XIX.

—“Era também respeitado em assuntos de Higiene pública e hospitalar. Todas as administrações do hospital acataram sempre a sua competência em assuntos de higiene hospitalar e de serviço clínico. Em objecto de Higiene era sempre consultado, assim como em caso de moléstias de crianças,,. Aqui, diz: “era insigne no diagnóstico e no tratamento.,”

Foi presidente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e participou primacialmente na organização do formulário do Hospital dos Expostos e na tabela das dietas do Hospital nacional.

\*

\*      \*

Passava-se isto em Lisboa. No Porto, como vimos já, nasceu a Pediatria com *Assis Vaz* e *Dias de Almeida*, sem esquecer, entre outras personalidades ligadas nobremente à educação física e moral das crianças, esse que foi notável educador, *P. e Baltazar Teles*, criador do Colégio dos Órfãos, há 300 anos, cuja obra aí se mantém ainda viva e digna de encómio. Ao evocá-lo e ao invocá-la eu relembro todas as demais empresas de assistência e protecção às crianças doentes e pobres, dos Hospícios e Creches, aos Colégios, aos Hospitais e aos Recintos Infantis. E, sobretudo, saúdo a Junta de Província do Douro Litoral, da illustre presidência do Prof. *Almeida Garrett*, que a seu cargo tem algumas das mais belas obras de Puericultura portuense.

Já que se alude ao Porto, apenas mais duas palavras para a sua história pediátrica. É que não poderia deixar de, em rápida corrida, apontar trabalhos de finalistas médicos da nossa Escola Médico-Cirúrgica do Porto, que sob a forma de *Dissertações inaugurais* apresentavam no “Acto Grande,, e lhes permitiam encetar a sua ambicionada vida profissional.

Vejamos as que se defenderam até ao ano de 1900. A primeira é de *Francisco Moura*, *Algumas considerações sobre a escolha de amas de leite*, de 1864. Em 1865 *Alfredo Lobo* apresentou a *A saúde da infância ou conselhos às mães sobre a conservação dos filhos durante os últimos tempos da prenhez e sua educação física no primeiro período da vida comum*.

Outra que não deixa de se prender à disciplina que tratamos é a de *José Reis Júnior*, intitulada *Influência da geração no aparecimento das moléstias*, daquele mesmo ano.

Em 1877, doze longos anos depois, aparece a de *José Cameira*, *Breves considerações acerca da educação física e moral das crianças*. *Luís Barros de Faria e Castro* escreveu *Breves considerações sobre a alimentação da primeira infância*, de 1880 e *António Lima* publicou uma outra sobre *A higiene e o trabalho das crianças*<sup>(1)</sup>.

*Apontamentos sobre educação física* é a tese do aluno *Nicolau Felgueiras*, de 1882. Do ano de 1889 é a dissertação *Algumas regras da higiene ocular da infância*. *Alexandre Côrte-Real* deu-nos *Algumas considerações sobre a higiene da primeira infância*, naquele dito ano. *Luís da Cunha* é autor de um *Breve estudo sobre a higiene da primeira infância*. Pela mesma altura, *Pedro de Almeida de Eça* apresentou *Hospitais de crianças*.

O meu ilustre Mestre Prof. *Carlos Lima*, graças a Deus ainda vivo, publicava a sua tese sobre *Melhoramentos da raça pelo exercício físico*, isto há 61 anos, trabalho que deve ser incluído neste rol. É também do mesmo ano, 1891, a tese inaugural da primeira médica formada no Porto, *Dona Amélia de Moraes Sarmiento*, a respeito da *Higiene da primeira infância*.

*Artur Ruíz da Silva* deixou *Apontamentos para a educação dos nossos filhos*, de 1892. *Heitor Sampaio*, *Breve estudo sobre oftalmias purulentas dos recém-nascidos*, 1893. *José Ferreira da Silva*, *Breves considerações sobre a gastro-enterite in-*

---

(1) Diz este autor que na indústria de alfinetes era frequente verem-se criancinhas, algumas que ainda não atingiam 6 anos de idade, «obrigadas a conservarem-se sentadas, durante o largo espaço de 12 horas por dia, em frente de uma mesa, o corpo continuamente curvado, os olhos fixos sem descanso sobre as cabeças dos alfinetes que devem ajuntar por meio de um movimento ininterrupto dos pés e das mãos».

Em Lião, as crianças trabalhavam 18 horas, às vezes! Foi o Marechal Soult o apresentante da lei que as defendia de tais torturas inconcebíveis, em 11 de Fevereiro de 1840.

Vd. um pouco desta triste história no trabalho de *Luís de Pina*, *Higiene no Trabalho. Condições higiênicas nas fábricas. Trabalhos insalubres e perigosos. Doenças profissionais* (3.<sup>a</sup> Semana Social. Porto, 1949), «Semanas Sociais Portuguesas», Lisboa, 1952.

*fantil aguda*, do mesmo ano. *António Pessanha*, *Breve estudo sobre a medicação marítima nas crianças*, também de 1893.

*Francisco Carvalho*, *A mortalidade das crianças e a assistência pública*, de 1894. *Abel Meneses*, *Tumor branco do joelho na infância*, da mesma data. Sobre *Morte aparente dos recém-nascidos*, escreveu *José Alves Ferreira* a sua tese de 1896 (era do curso do meu Professor *Alfredo de Magalhães*, também felizmente vivo). *A Coqueluche e o seu tratamento pelo bromofórmio* é de 1897 e subscreve-a *Alberto Freitas*. Deste ano são a tese de *Ilídio Monteiro*, *Diarreias infantis (tentativa de soroterapia)* e a de *João Guimarães*, *Contágio do sarampo*.

*José Vieira Filho* apresentou a tese *Puericultura (contribuição ao estudo do aleitamento)*, em 1898. É a primeira vez que se emprega o vocábulo *Puericultura* em teses da Escola-Médica. Nesse mesmo ano escreveu *Diocleciano Peixoto*, *A amamentação* e *Álvaro Martins*, *A higiene e educação psíquicas nos três primeiros anos da vida (algumas considerações)*, assim como *Luis Vieira de Castro*, *A meningite tuberculosa na criança* e *Aurêlio Seara*, *Alimentação das crianças e seus perigos (breves considerações)*.

*Carlos Caldeira* redigiu *Algumas palavras sobre o bromofórmio na coqueluche*, em 1899 e, no mesmo ano, *Manuel Carvalho*, *Cálculos vesicais nas crianças (sintomatologia e diagnóstico)*.

*Alberto Vale* publicou, ainda em 1899, *A alimentação artificial dos recém-nascidos*.

São estas as teses inaugurais defendidas antes de 1900, isto é, correspondentes ao século XIX. Outras se poderiam indicar, pela sua indiscutível relação com o campo da Pediatria e considerando esta como exprimem as raízes gregas do vocábulo, que quer dizer: — *παίς*, criança e *ιατρική*, cura, Medicina.

Aqui fica prestado, assim, modesto mas sincero preito ao esforço e trabalho desses quintanistas de Medicina que para a última prova pública do seu curso escolheram temas pediátricos que mais ou menos brilhantemente defenderam do ataque protocolar dos velhos mestres da nossa Escola, já lá vai mais de meio século!

Muito longo tempo contamos desde que na benemerita e ilustre Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa se viveu notabilíssima quadra da sua história. Já em outro lugar a expus. Mas aqui desejo reproduzi-la, no que interessa à Pediatria em suas relações com o trabalho infantil. Permitam que lhes leia o que escrevi então e li no

3.º curso das *Semanas Sociais Portuguesas*, de há 3 anos, aqui no Porto (1):

Passava-se isto “em 1880 (há quase setenta anos) em que se debateu e discutiu larga e calorosamente um famoso diploma legal que o ministro *Saraiva de Carvalho* levaria ao Parlamento, mas com parecer da referida Sociedade, acerca do *Trabalho de Menores*. Eu reli, novamente, o que se passou — e se esqueceu depressa... — nessas sessões da douta e histórica agremiação que, caso raro, era ouvida pelo Governo em tão melindroso assunto.

Leiam-se as actas dessas reuniões de 1880, onde brilham as parlandas de *Teixeira de Queiroz*, de *Manuel Bento de Sousa*, de *Miguel Bombarda*, de *Ferraz de Macedo*, de *Silva Amado*, de *Sousa Martins*, de *Alves Branco*, de *Ferreira Ribeiro*, de *Jose Serrano* e outros astros da ciência médica do tempo, congregados para apreciarem tão surpreendente diploma.

Já em 1876 (sessão de 17 de Junho), o Dr. *João Ferraz de Macedo* apresentara àquela Sociedade uma proposta sobre o trabalho das crianças, fiel à divisa da casa *pro incolumitate civium*. Baseado num inquérito feito em fábricas, propunha o Dr. *Ferraz de Macedo* que se insistisse por uma lei que *regulando o trabalho das crianças nas fábricas e nas oficinas, coloque aqueles seres, fracos, incompletos e dependentes, nas condições de aproveitarem todo o bem que lhes resulta da sua transformação em operários, sem o sacrificio da saúde, do desenvolvimento, do vigor, da instrução e da educação*.

Já nesse tempo, 12, a 14 horas trabalhavam pequeninos operários de 6 a 10 anos! O que o ilustre médico depreendeu do que viu é fácil imaginá-lo hoje, 70 anos passados. Atendendo às leis vigentes francesas e inglesas, *Ferraz de Macedo* propunha então:

- 1 — que se não permitisse ingresso no trabalho a crianças com menos de 10 anos;
- 2 — que as dos dez aos catorze não trabalhassem mais de 6 horas;
- 3 — que fosse obrigatória a instrução em escolas diurnas;
- 4 — proibição absoluta do trabalho nocturno antes dos 16 anos para os rapazes; dos 18 para as raparigas;
- 5 — inspecção sanitária obrigatória antes da admissão;
- 6 — inspecção competente e retribuida, para fazer cumprir a lei.

---

(1) LUÍS DE PINA — *Higiene no Trabalho*, ob. cit.

Em 1880, como disse, *Saraiva de Carvalho* levou ao Parlamento a proposta da lei sobre trabalho de menores, onde se incluíram importantes sugestões que melhoravam a triste sorte daqueles pequeninos operários. A Sociedade das Ciências Médicas, em resumo, foi de parecer que, de modo geral, a idade mínima seria de 12 anos; exame prévio por dois médicos; diminuição das horas de trabalho; condicionamento deste às raparigas antes dos 15 anos; inspecção especial do trabalho de menores, etc.,

\*

\*      \*

Nos últimos tempos da Idade Média portuguesa estabeleceram-se pequenos hospitais (antes hospícios) para meninos, de que nada ou pouco se conhece. Assim é que em Lisboa e Santarém — de entre os muitos organismos hospitalares já mencionados por autores diversos — se ergueram os hospitais de meninos engeitados. E o curioso é que o de Santarém se deve à benemerência e graça de um médico dos reis D. Dinis e Santa Isabel, chamado D. Martinho, que aliava a sua qualidade clínica à de Bispo da Guarda, cujo sólio ocupou com muita dignidade.

Parece que a rainha D. Beatriz, mulher de D. Afonso III, criara nos fins do século XIII um hospício infantil, na Mouraria por alguns indicado *Collegium orphanorum* <sup>(1)</sup>.

O testamento de D. Dinis refere-se ao hospital (recolhimento ou creche) fundado por D. Martinho, nestes termos: — “pera criarem hi meninos engeitados, e pera lhes manter amas ataa que sejam despesas,” <sup>(2)</sup>.

Médico insigne foi, como sabem, *Pedro Julião* ou *Pedro Hispano*, Prior, Bispo e Cardeal, depois Papa com o nome de João XXI, que nos deixou um *Tractatus de embrione*, indicado por *Manuel Alonso* <sup>(3)</sup>. Relembro que médicos foram também em Portugal, não

---

(1) Vid. mais notícias em Cesar Anjo, *Assistência às crianças expostas em Portugal*, «Amatus Lusitanus», n.º 10, Lisboa, 1950 e Hernâni Monteiro, ob. cit.

(2) MAXIMIANO LEMOS — *História da Medicina em Portugal*, ob. cit., I pg. 45.

(3) In Pedro Hispano. *Obras filosóficas. II. Comentário al «De Anima» de Aristoteles*. Madrid, 1944 (*Questiones vero que incidunt supra modos omnes generationis et circa embrionem...*).



sòmente os Priores da Colegiada de Guimarães D. *Pedro Amarello*, D. *Martinho Geraldês* e D. *Vicente*, dos séculos XIII a XIV, mas ainda mais dois Bispos — D. *Frei Bartolomeu*, de Silves (século XIII) e o de Lamego e depois de Viseu D. *João Vicente*, Professor de Medicina na Universidade de Lisboa, no século XV. É considerado Venerável, como D. *Frei Bartolomeu dos Mártires*. Espero dedicar a este Mestre universitário, já no caminho da beatificação, o estudo que merece.

No hospital de Todos os Santos, de Lisboa, como conta uma descrição do século XVI, havia um hospício de crianças, a que se chamava *criandário* (1), com amas pagas pela respectiva direcção administrativa. Quando adolescentes, mestres de ofícios tomavam conta delas, para lhes ensinarem profissão adequada.

\* \* \*

Uma ou outra nota curiosa se poderia ainda apontar, se o tempo sobejasse. Mas vão sendo horas de terminar com o impertinente incómodo que estou a causar-vos com evocações referente à especialidade que professais.

Por isso, passo imediatamente a falar-vos de uma insigníssima figura de português que nos meados do século XVI, em terra agreste e adversa do Japão, que conhecemos em 1543, escreveu a mais admirável e espantosa página da história antiga da Pediatria em Portugal, e, o que é mais, da nossa Medicina Ultramarina, que gerou a Patologia e a Terapêutica exóticas, em que nós Portugueses fomos indiscutíveis pioneiros.

Do que até hoje tenho recompilado ou anunciado, neste grande capítulo da História Pátria, invoco e evoco, com sinceríssimo respeito e orgulho, as páginas amorosas e queridas que escrevi sobre a tão distinta figura do jovem cirurgião quinhentista de Lisboa *Luis de Almeida*, rico e aventureiro, que um dia, tocado pela graça de Deus, ingressa na evangelização do Japão e onde, por sua especial iniciativa, foi introduzida a Medicina europeia (2).

---

(1) Vd., entre outros trabalhos de Costa-Sacadura relativos à Puericultura e Pediatria, *Cinco palavras distintas e uma só verdadeira: Abrigo, Ninho, Infântario, Alegrete ou Viveiro?* in «Mensário das Casas do Povo», Junho de 1949. Lisboa.

(2) Não sei o que dizem certos textos japoneses actuais sobre este facto. Menciono entre eles, embora a não tenha lido ainda, a *History of Japanese Medicine*, de Fujikawa, que parece não ter esquecido esta ver-

Já um dia contei, abonado pelas Peregrinações de *Fernão Mendes Pinto*, que a primeira intervenção cirúrgica europeia executada no Japão data de 1544 e se deve à própria audaciosa coragem daquele célebre soldado e viajante, que tratou com muito sucesso uma grave ferida do filho do rei japonês de Bungo, causada pela explosão de um cano de lusa espingarda, a primeira que entrou no *Dai-Nippon!*

Quanto a *Luís de Almeida*, o citado cirurgião lisbonense, é esquecido na quase totalidade dos trabalhos de História de Medicina pátria que pude compulsar, os melhores da matéria. Todavia, o devotado operador cristão, depois de ter cedido os seus bens à Companhia de Jesus, notável evangelizadora do Japão, com S. Francisco Xavier na doutrina e no esforço; depois de despojado de seus cabedais, dizia eu, *Luís de Almeida* ingressou com simples irmão naquela Companhia e como irmão-jesuita começa uma admirável obra de docência médico-cirúrgica, de assistência social, mórmente pediátrica, que está muito esquecida<sup>(1)</sup>.

De família rica e cristã nova, *Luís de Almeida* fez-se um dia ao mar, sequioso de novos mundos, sempre embarcado, curioso de tudo, meio *físico*, meio comerciante, como tantos portugueses do tempo. Um dia, nos mares do Oriente, a caminho da Índia e talvez com 24 anos, *Luís* encontra-se com um grupo de Padres Jesuitas que muito o impressionam, no navio em que todos viajam, pelo modo piedoso como assistiram a uma epidemia de bordo. Juntou-se-lhes *Luís de Almeida* nessa cristã tarefa de acudir e consolar doentes: e tão bem o fez e tão sacrificadamente, que os Padres passaram logo a considerá-lo com respeito, admiração invulgar e especial interesse.

Tal encontro com os sacerdotes de Cristo foi decisivo, inesquecível. Alguns anos mais tarde, em 1552, novo encontro, em novo navio, com outros Padres e Irmãos, o grande *Baltazar Gago, Duarte*

---

dade. Embora não aluda a outros importantes episódios e sucessos portugueses médicos no Japão, leia-se *A chronology of the XVI th Century: China and Japan*, por Yoshio Mikami, in «Archeion», 2—Santa Fé, 1941. Ao tratar do ano de 1556 lembra Luís de Almeida e o Hospital de Bungo, dizendo: «this is the first occasion of the Occidental art of medicine being imported into Japan», (pg. 217).

(1) No meu trabalho *Evangelização e Medicina Portuguesa no Japão Quinhentista* (inçada de gralhas por me não terem sido facultadas provas tipográficas), baseado em grande parte nos estudos do Rev.º P.º Dorotheus Schilling, O. F. M., traço esta brilhante página de História Médica Nacional (in «Estudos», Coimbra, 1950).

*da Silva e Pedro de Alcáçova*. Aproava a nau ao Japão, levando os sacerdotes para junto da missão que ali dirigia o insigne apóstolo P.<sup>o</sup> *Cosme de Torres*.

Parece, ao que deduz *Schilling*, que *Luis de Almeida* já então pensava dedicar a sua vida e o seu saber à Companhia de Jesus. Não o chamou ainda dessa vez o Senhor. Só mais tarde, três anos depois desta última viagem de Malaca para o Japão, aquela alma cândida e sôfrega do Céu acordou na luz do sacrifício evangelizador e da total renúncia para Cristo. E aí ficou, desde então, como irmão devotadíssimo, logo absorto na expansão da lei de Deus, sem negar o auxílio da sua arte médica a quem dele precisasse.

Grandes foram as suas famas e os seus créditos, nos dois campos, o de Cristo e o de Hipócrates: poder-se-lhe-ia chamar, quanto ao seu merecimento clínico, Galeno ou Pareu português do Oriente, como a Orta se poderia cognominar o Dioscórides das Índias.

*Schilling*<sup>(1)</sup> considera-o homem *de grande merecimento como médico, professor, fundador dos Hospitais de Oita, procurador da missão e fundador de muitas missões*.

Foi também, como bem diz, empreiteiro e architecto das obras respectivas. Dispenseiro geral da casa e conselheiro prático advinhámo-lo através dos textos.

*Perpetuum mobile* lhe chamou P.<sup>o</sup> *Fróis*, tantas foram as suas viagens ao serviço da missão. Aos 55 de idade o cirurgião *Luis de Almeida*, muitos anos nela Irmão, ordenava-se de Padre e tomava a sua roupeta em Macau (1580). Morreu em 1583, após largos anos de muitas doenças, possivelmente tuberculoso.

Afirma *Schilling* que era *Luis de Almeida enérgico e de raro tacto, pioneiro sempre que se tratasse de adquirir novo terreno*, ou onde houvesse missões especialmente difíceis a cumprir.

Pendo em crer que do primeiro e modelar hospital da missão, existente em 1555, nasceu o de *Luis de Almeida* e surgiu a sua Escola Cirúrgica dos Bárbaros do Sul, como a apelidavam os Japões. Em 1557, o edifício hospitalar compunha-se de uma parte para feridos e enfermos curáveis e outra para os leprosos.

Cedo, Hospital e suas Clínicas prosperaram e foram a Meca dos doentes japoneses, que acorriam de todas as partes da terra nipónica.

---

(1) DOROTHEUS SCHILLING — *Das Schulwesen der Jesuiten in Japan* (1549-1614). Münster, 1931.

E não vos espante esse successo, se soubermos quais as inferiores características da Medicina gentia, influenciada pelos erróneos ensinamentos chineses, em que quase exclusivamente se esclarecia, desde tempos imemoriais.

A anatomia era insufficiente e adulteradamente ensinada; ela e a Cirurgia não poderiam desenvolver-se, tais os preconceitos supersticiosos que se ligavam à mutilação dos corpos; falsos conhecimentos fisiológicos, patologia fundamente mágica; obstetrícia atrazadíssima.

Apenas na Terapêutica poderiam apresentar ideias e factos úteis e aceitáveis; é conhecido, entre Chineses e Japoneses, o uso das pontas de fogo, a inoculação, a acupunctura, a moxibustão, a massagem, a ginástica, etc.

Na verdade, a Medicina europeia sobrepujava, em muito, a japonesa, ainda envolta nos panos de uma meninice demorada e fora do tempo.

Dizia o P.<sup>e</sup> Gaspar Vilela, referindo-se ao Japão, em 1554: *não há cousa que por mēzinha se dê a um doente.*

Por isso, *Cosme de Torres*, nesse ano, garantia: *a mēzinha corporal que aqui se lhes dá é água benta: a qual é tão aprovada neste reino, que de todas as partes de dez, doze léguas, a vêm buscar*<sup>(1)</sup>.

Junto daquela missão temporal e espiritual da Companhia de Jesus instituiu-se a Misericórdia, com seus irmãos beneméritos e angariadores de fundos para sustento de tão vasta e cara obra, que algumas caridosas viúvas da terra auxiliavam enormemente, como a boa velha Clara, que ficou na história de tão gloriosa evangelização médica.

Ganharam fama de quase milagrosas algumas das curas de *Luís de Almeida*, como as de fístulas velhas, tumores e cancrós, que tratava cirurgicamente, ao que parece.

Aos poucos, porém, ia abandonando o serviço clínico, afervorando-se no religioso. Os seus companheiros de ensino e alunos, uma vez preparados, passaram a substituir o mestre, de quem não era fácil desapegarem-se os doentes, onde quer que estivesse ou apparecesse o resignado e diligente missionário.

Colocava a sua prática médica e cirúrgica não como primeira causa de successo e propaganda, mas como ajudante das suas prega-

---

(1) Estas e outras indicações dos Padres Jesuítas lêem-se nas *Cartas* que cito em *Evangelização e Medicina*, etc.

ções e das suas rezas. Por isso exclamara, a respeito de certa cura que fez em um doente: *não tivessem para si que a mêzinha sarara aquela doença, mas que o Senhor por amor da sua fé o sarou.*

Humilde, não aparece nos seus seus escritos epistolares cousa que se pareça com o encarecimento da sua arte médica: antes desejava que todos a esquecessem!

Dos seus discipulos ou continuadores, no Hospital, na clínica ou no ensino, ficaram os nomes dos irmãos *Paulo, João Fernandes, Duarte da Silva, Paulo de Tonomine* (japonês), *Miguel, Tomaz Uchida, Marçal* e outros.

Deve-se a dois insignes historiadores estrangeiros, Rev. Dr. *Schilling*, já citado e ao Major *Ralph Boxer*<sup>(1)</sup>, o que melhor se sabe acerca do famoso cirurgião jesuíta; entre nós, deu-nos curiosa memória do facto, quanto à influência portuguesa no Japão, o erudito médico Dr. *Arlindo Monteiro*, director e fundador da revista "Petrus Nonius". É de notar que já no século XVIII, embora sumariamente, o erudito bibliógrafo *Barbosa Machado*, na sua *Biblioteca Lusitana* (T. III, Lisboa, 1752) nos dá informações do grande cirurgião evangelizador, bem como das *Cartas da Companhia de Jesus*, que falam da sua notável obra. A todos prestei já especial atenção e referênciã no trabalho designado<sup>(2)</sup>.

*Luis de Almeida*, na sua categoria de médico e de padre, pertence à brilhante galeria de sacerdotes-médicos que se enfileiram desde o Cónego D. *Mendo Dias*, do Mosteiro-Escola Médica agostiniana de Santa Cruz de Coimbra, no século XII, e S. *Frei Gil de Santarém* até *Pedro Hispano* ou *João XXI, Papa* e *Bispo D. João Vicente*. Isto só para aludir a Portugueses, pois no estrangeiro a História aponta muitos mais religiosos médicos, desde a Abadessa Sta. *Hildegarda* e o Bispo *Marbod*, de antes do século X, até alguns clínicos salernitanos — padres, cónegos, bispos — e aos actuais P.<sup>e</sup> Dr. *Pujiula*, biólogo catalão e D. *Luis Muñoyerro*, Arcebispo de

---

(1) Entre mais obras suas veja-se *Subsídios para a História dos Portugueses no Japão* (1542-1647), etc. «Boletim da Agência Geral das Colónias», 3 (1927). Lisboa.

(2) LUÍS DE PINA — *Evangelização e Medicina Portuguesa no Japão Quinhentista*, ob. cit.

Veja-se, também, o valiosíssimo estudo de Georg Schurhammer, 1542-1943. *O Descobrimento do Japão pelos Portugueses no ano de 1543*. «Anais» de Academia Portuguesa da Historia. II série. I vol. 1946. Lisboa.

Sião, a quem há nem um mês tive a subida honra de beijar o anel episcopal, no seu Palácio de Madrid. Sabe-se quanto este illustre médico, hoje insigne Prelado, tem dedicado especial atenção à Deontologia médica.

Pois o nosso *Luis de Almeida* inscreveu-se gloriosamente nesta galeria de illustres sacerdotes. Foi ele, sem dúvida, o criador da primeira Escola médica europeia da Ásia Extrema, com Hospital anexo — que chegou a albergar 100 enfermos — seu tratamento ambulatório de pobres e doentes, sua policlínica e internato médico. Bastaria esta iniciativa para nos outorgar o direito de o immortalizarmos.

Como professor, *Luis de Almeida* ensinou a Cirurgia, em especial, a alunos portugueses e japoneses, que moravam com o mestre. Outra nota interessante da sua biografia é a de ter tentado promover a instrução de médicos da Índia na Clínica que fundara, onde ficariam assistentes.

Mas a obra foi mais longe! A par dessa escola, que os japoneses chamaram logo *Escola Cirúrgica dos Bárbaros do Sul* — estes éramos nós! — e duma leprosaria, criou um dispensário infantil, isto é, creche com amas japonesas; quando estas faltassem, o leite provinha de uma vacaria anexa. É nesta missão que se exalta a figura de *Luis de Almeida*, como denodado protector das crianças japonesas, que os pais matavam descaradamente. Por isso e para isso solicitou do rei de Bungo um decreto que proibisse tal costume, com recomendação de que trouxessem as criancinhas, em segredo, a um hospital da Companhia — para o que dera 1.000 cruzados — e onde haveria mulheres pobres cristãs como amas de leite e um par de vacas e outras coisas, “para remédio de não perecerem à mingua”. Isto conta, em conhecida epístola, o P.<sup>o</sup> *Baltazar Gago*, por 1559.

Quer dizer, esta curiosa e prática instituição do cirurgião P.<sup>o</sup> *Luis de Almeida* existia, portanto, antes daquele ano.

Eis, meus senhores, uma das notas mais formosas e originais da História da Pediatria Portuguesa, em que brilha o primeiro pediatra, digno de tal nome. É certo que no século XIII appareceu essoutro D. *Martinho*, Bispo da Guarda, também médico, que funda os hospícios de Lisboa e Santarém, para engeitados. Mas, sendo obra digna de louvor, a verdade o certo é que a de *Luis de Almeida* alcançou outro nível, como se depreende do que expus. Ele foi o próprio architecto do hospital de Bungo, onde existiu a sua Escola Médico-Cirúrgica, com outros professores portugueses e japoneses sacerdotes e muitos alunos, que

chegou até aos fins do século XVII e de cujo arsenal ainda se conservam no Japão alguns ferros cirúrgicos.

Ganhou *Luis de Almeida* fama de milagroso, tal era o resultado das suas curas (operava cancros, dizem as crónicas, pelo que devemos considerá-lo dos nossos pioneiros cancerólogos).

Para completar financeiramente a obra hospitalar, como disse, fundou-se ali uma confraria, moldada na Misericórdia do Reino. E, de par, uma leprosaria. Dos seus alunos de Cirurgia (*Luis de Almeida* fazia também de clínico interno), que moravam consigo, alguns foram depois mestres na Escola.

A respeito da afluência de doentes à missão-hospital, refere uma carta jesuítica que também *as mães trouxeram para a hospedaria as crianças com fracturas nos braços*<sup>(1)</sup>.

Eram muitos os doentinhos que se aproximavam do P.<sup>o</sup> cirurgião *Luis de Almeida*, seu protector e assistente clínico. Solícito, amorável, queridíssimo da população, que o adorava, atingiu craveira muito alta e, por isso, o considerei e considero já digno de ser beatificado. A sua vida ele a otoreceu inteiramente aos pobres, aos doentes, aos discípulos, à obra de Deus. Rico, fez-se pobre. Tudo entregou à evangelização portuguesa do Japão. Pode dizer-se que é a segunda figura na História da Medicina Portuguesa Ultramarina, contando-se justamente *Garcia de Orta* como primeira.

Por isso eu escrevi um dia: *há nele, em Luis de Almeida, na sua exaltação religiosa e no seu fervor de assistência médica aos infelizes enfermos, muito da nobilíssima e grata figura dessoutro inolvidável português que foi S. João de Deus.*

*Juntaram-se-lhe, aos pés de Deus, no outro verdadeiro mundo dos homens, as atormentadas almas de tantos gafos e cancerosos que tratara e consolara, de tantas criancinhas a quem diferira, com o seu saber médico, e com a sua bondade infinita, a apressada hora da morte.*

A missão de Bungo, nesse longínquo Japão, chamou-se de Nossa Senhora da Piedade: — sem dúvida que foi bem doce e frutuosa característica dos Padres portugueses a piedade pelos enfermos *Enjeitou muito do mundo para se entregar ao Senhor*, disse de *Luis de Almeida* o P.<sup>o</sup> *Gaspar Vilela*.

---

(1) Lembrada novamente por Luis de Pina, in *Evangelização e Medicina*, etc. ob. cit.

Os doentes que procuravam o Hospital-Escolar de Bungo — bem lhe cabe esse nome! — vinham de 50 a 60 léguas de longe!

De sua humildade ficou prova no que dissera, ao falar de enfermos do seu hospital e respectivas curas: — *não creio eu ser das mezinhas... mas do Senhor, que é servido que assim seja.*

Como alguns enfermos se faziam cristãos com a ideia de serem melhor curados, em sua honesta doutrina *Luís de Almeida* estabeleceu que só se lhes desse o baptismo depois da convalescença.

Parece também, que era um artista o nosso padre cirurgião, pois além de traçar o risco do Hospital e dirigir-lhe a construção, por suas mãos construiu um altar para o Santíssimo Sacramento da Igreja de Bungo, parecido com o de S. Pedro de Goa.

E quereis ouvir como era distinto o seu espírito e fina a sua diplomacia? — Um dia, certo rico doente seu, grande nobre da terra japonesa, oferecera ao P.<sup>e</sup> *Luís de Almeida* valiosa oferta em dinheiro; pois com ele o bom cirurgião mandou organizar grande banquete em que congregou muitos fidalgos do país, afim de festejarem todos a saúde que o Criador do Mundo restituira ao poderoso soberano!

Enfim, como conta em admirável carta o grande missionário *Luís Fróis*, em 1584, o P.<sup>e</sup> Cirurgião *Luís de Almeida* morrera em 1583, no mês de Outubro: — “antes de morrer se enchia a pobre casa, onde estava, de cristãos, na residência de Amacuã, e ali lhe vinham todos beijar os pés, e chorar sobre ele, os quais por já não poder falar consolava com alegre semblante, de maneira que parecia levá-los consigo, ou tê-los a todos metidos em suas entranhas,„

\*

\* \*

Eis, meus senhores, o que poderia dizer-vos um obscuro historiador da Medicina em sessão de abertura de trabalhos da vossa Sociedade de Pediatria.

Fechei estas descosidas notas com ligeira biografia sobre aquele cirurgião que considero o pioneiro mais extraordinário desta especialidade, há 400 anos.

Merece bem a vossa atenção e a vossa gratidão.

Como gerente municipal — e como cidadão português grato — já um dia determinei, consoladoramente, que o seu nome se pusesse a uma das novas lindas ruas do Bairro da Pasteleira, a Gomes da Costa.



E lá está, entre mais em que os nomes de muitos ilustres feitos do Império Ultramarino Português se ostentam em justíssima homenagem: — Afonso de Albuquerque, D. João de Castro, Rui Faleiro, José de Anchieta, Tomé Pires, António Galvão e tantos outros, como Garcia de Orta.

Todos bem mereceram da Pátria. Esta não esquece os seus heróis médicos: que a Medicina os não olvide. De mim, a lembrança aí fica, bem manifesta, em obras e palavras!

Remato este brevíssimo feixe de esclarecimentos para a história pediátrica. Poderei terminar esta palestra — onde haverá muitas faltas, dado o tempo curto em que as escolhi e as posso dizer, com palavras do nosso colega do século XVIII, Dr. *Brás Luís de Abreu*, chamado *O olho de vidro*, que Camilo tão targamente romanceou:

— “os eruditos & curiosos facilmente as poderão emendar onde as toparem; e os ignorantes, e descuidados, ainda que lhas apontem, não as emenderão,,!

Ou, como disse o desventurado D. Pedro, na sua *Virtuosa Benfeitoria* (1):

— “Rogo a todos que suportem minha rudeza, onde algũas minguas forem chamadas,,.

Disse.



NOTA — A estampa que se imprime neste trabalho foi extraída do livro de Bartolomeu Metlinger, *Ein Regiment der gesunheit, Für die jungen Kinder, etc., de 1550. Francfort s. m.*

(1) Edição de 1940, Porto.





RÓ  
MU  
LO



CENTRO CIÊNCIAS VMA  
UNIVERSIDADE COIMBRA

\*1329685562\*

Garcia de Ortiga, 77

Porto

